

Vozes-mulheres: o feminino em Conceição Evaristo e Dina Salústio

Voces-mujeres: el femenino en Conceição Evaristo y Dina Salústio

Iza Paula Gomes Fernandes
Insituto Federal de Goiás (IFG)

izafeh45@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-0694-6515>

Poliane Vieira Nogueira
Insituto Federal de Goiás (IFG)

poliane.nogueira@ifg.edu.br

<https://orcid.org/0009-0002-3711-8080>

RESUMO

Somente a partir do momento em que as mulheres tomaram para si a tarefa de narrar suas experiências, passamos a ter um olhar menos estereotipado sobre elas na Literatura. Este estudo objetiva analisar como o feminino é representado nas obras *Olhos d'água*, da brasileira Conceição Evaristo, e *Mornas eram as noites*, da caboverdiana Dina Salústio, duas influentes escritoras da contemporaneidade que trazem em seus textos a pluralidade do feminino. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, para a qual recorreremos aos estudos de Rossini (2016), Ribeiro (2018), Colling (2004), Gomes (2008), dentre outros. Esperamos aprofundar os estudos acerca da contística de Evaristo e Salústio e ampliar o diálogo Brasil-África, considerando a semelhança de nossa literatura, de nossa história e vivências.

Palavras-chave: Feminino negro; literatura afro-brasileira; literatura africana.

RESUMEN:

Sólo a partir del momento en que las mujeres asumieron a la tarea de narrar sus propias experiencias, comenzamos a tener una mirada menos estereotipada sobre ellas en la literatura. Este estudio tiene como objetivo analizar cómo lo femenino está representado en las obras *Olhos d'água*, de la brasileña Conceição Evaristo, y *Mornas eram as noites*, de la caboverdiana Dina Salústio, dos influyentes escritoras contemporáneas que traen en sus textos la pluralidad de lo femenino. Se trata de una investigación bibliográfica cualitativa, para la cual utilizamos estudios de Rossini (2016), Ribeiro (2018), Colling (2004), Gomes (2008), entre otros. Esperamos profundizar los estudios acerca de los cuentos de Evaristo y Salústio y ampliar el diálogo Brasil-África, considerando la similitud de nuestra literatura, nuestra historia y nuestras experiencias.

Palabras-clave: Mujer negra; literatura afrobrasileña; literatura africana.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, a representação das mulheres na literatura foi predominantemente feita por homens, já que estes detinham maior espaço no mercado editorial, enquanto as mulheres enfrentavam barreiras e pouco ou nenhum incentivo para escrever. Esse cenário, para as mulheres negras, era ainda mais desafiador, devido ao racismo que as afastava da escrita literária. Conforme as mulheres avançam na ocupação dos espaços sociais historicamente negados a elas, especialmente no âmbito da escrita, a literatura expande sua perspectiva sobre o feminino. Esta mudança implica em romper com os modelos tradicionais, muitas vezes moldados pelas expectativas masculinas em relação ao feminino, e passa a legitimar a voz das mulheres, na representação de suas próprias vivências, realidades e percepções sobre o mundo. O presente estudo investigou a construção da identidade feminina negra na literatura contemporânea, por meio das narrativas das escritoras Conceição Evaristo e Dina Salústio.

Realizamos uma análise da obra *Olhos d'água*, da escritora brasileira Conceição Evaristo e *Mornas eram as noites*, da cabo-verdiana Dina Salústio. Identificamos semelhanças marcantes nas temáticas exploradas em suas obras, especialmente ao retratar as vivências das mulheres em suas múltiplas realidades, experiências, complexidades e manifestações de feminilidade. Ambas as escritoras trazem à tona a voz de personagens negras, principalmente mulheres, apresentando-as como "heroínas do cotidiano [que] desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias" (Evaristo, 2005, p. 54 - grifo nosso), ou seja, mulheres comuns e sobrecarregadas que lidam diariamente com questões impostas ao feminino. Neste contexto, escritoras como Conceição Evaristo e Dina Salústio, buscam romper com a representação estereotipada da mulher na literatura, por vezes hipersexualizada e submissa, criando assim personagens que fogem dessa escrita estigmatizada.

Conceição Evaristo, uma escritora negra nascida na periferia de Minas Gerais, consegue expressar em suas obras não apenas sua própria realidade, mas também a de outras mulheres negras. Filha de uma lavadeira, ela enfrentou uma infância difícil na periferia mineira, encontrando na leitura e na escrita suas principais ferramentas para superar as adversidades. Foi por meio desse contato com a literatura que Evaristo pôde confrontar os preconceitos e denunciar as práticas racistas. *Olhos d'água* foi publicada

em 2014 e apresenta histórias de pessoas silenciadas pelo racismo e sua luta pela sobrevivência em um país que marginaliza mulheres, crianças e homens negros, jogando-os para a pobreza. Dos quinze contos que compõem a coletânea, nove têm mulheres como protagonistas, enquanto os demais focam em personagens masculinos.

Dina Salústio, por sua vez, também uma escritora negra, é autora de um conhecido estudo sobre a violência contra as mulheres. Em sua produção literária, ela narra de forma impiedosa e poética as misérias sociais de Cabo Verde e denuncia a violência simbólica e física sofrida pelas mulheres em seu país. Sua experiência como professora e assistente social contribuiu para que ela desenvolvesse um olhar atento e cuidadoso acerca da representação do feminino em *Mornas eram as noites*, que compõe nosso *corpus*. A obra foi publicada em 1994, em Cabo Verde e é composta por 35 contos curtos que têm o feminino como fio condutor das narrativas, problematizando a condição da mulher na cultura patriarcal caboverdiana que, muitas vezes, as exclui da parte ativa da sociedade, levando-as a sofrer violências simbólicas e físicas.

Este estudo é o resultado de uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica realizada no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Instituto Federal de Goiás e está estruturado em tópicos para facilitar a apreensão das leituras aqui apresentadas. Na introdução apresentamos o tema e as obras a serem analisadas, bem como quem são as escritoras que compõem nosso *corpus*. Em “Representação da Mulher e do Feminino na Literatura” discorreremos sobre a representação da mulher na literatura e exploramos como o feminino é retratado nas obras das autoras em estudo. Na seção intitulada “Identidade e Gênero: Análise da Construção do Feminino”: destacamos como o feminino é descrito em cada uma das obras estudadas. Por fim, apresentamos as conclusões e reflexões resultantes da análise realizada nas Considerações Finais, oferecendo percepções sobre a representação do feminino negro na literatura contemporânea e apontando possíveis direções para pesquisas futuras.

REPRESENTAÇÃO DA MULHER E DO FEMININO NA LITERATURA

Ao longo da história, as mulheres foram frequentemente consideradas inferiores, menos inteligentes e mais dependentes que os homens devido à predominância da visão patriarcal influenciada por fatores como religião, limitações no acesso à educação e

imposições de papéis de gênero. Essa percepção também permeou a literatura, que até o século XIX, era predominantemente produzida por homens brancos pertencentes à elite socioeconômica e cultural, as mulheres muitas vezes foram relegadas à papéis secundários, estereotipados e frequentemente vistos através da lente masculina.

Essas representações se tornam poderosas vozes na perpetuação do imaginário estereotipado que subjuga as mulheres socialmente. Colling (2004) resume de forma precisa a maneira como a visão feminina tem sido distorcida e propagada ao longo dos tempos:

As representações da mulher atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos: a mãe, a esposa dedicada, a “rainha do lar”, digna de ser louvada e santificada, uma mulher sublimada; seu contraponto, a Eva, debochada, sensual, constituindo a vergonha da sociedade. Corruptora, foi a responsável pela queda da humanidade do paraíso. Aos homens o espaço público, político, onde centraliza-se o poder; à mulher, o privado e seu coração, o santuário do lar. Fora do lar, as mulheres são perigosas para a ordem pública. [...] Estes limites da feminilidade, determinados pelos homens, são uma maneira clara de demarcar a sua identidade. Como se a mistura de papéis sociais lhes retirasse o solo seguro. (Colling, 2004, p. 24).

A representação das mulheres na literatura, especialmente quando escrita por homens, muitas vezes refletia as visões e expectativas da sociedade patriarcal em que foram criadas, tais como a submissão, foco na maternidade e no cuidado com o lar e a passividade em relação aos homens. A personagem clássica Madame Bovary, de Gustave Flaubert é um exemplo disso, em sua inocência, ela não compreende a natureza da ficção e acredita no ideal romântico do amor único e da alma gêmea. Sua trajetória é marcada por um desfecho trágico ao se apaixonar por um oportunista que explora esses sentimentos, apesar de ela ser casada. Essa personagem serve como uma sátira ao conceito de amor romântico, mas também como uma crítica à ingenuidade e vulnerabilidade femininas. Destaca-se também, o exemplo de Penélope, na *Odisseia*, de Homero, que enfrenta a visão machista da época enquanto aguarda o retorno de Odisseu, embora seja inteligente e leal, é retratada como passiva diante dos pretendentes que a assediam, apesar disso, demonstra resistência ao proteger sua família e preservar a memória de Odisseu. É possível listar inúmeras representações estereotipadas e machistas de mulheres na literatura, sobretudo nos textos escritos por homens, mas este não é o foco deste estudo.

Contudo, a escritora moçambicana Paulina Chiziane (2013, p. 199) ressalta que os problemas acerca do feminino se iniciam desde o princípio do mundo, por meio das mitologias da criação, como a mitologia judaico-cristã, visto que o “homem surgiu

primeiro, ganhando, deste modo, uma posição hierarquicamente superior, que lhe permite ser governador dos destinos da mulher”, e essa visão de superioridade masculina se perpetua no cotidiano. Deste modo, “há uma associação entre uma ordenação divina (Deus criou e assim o quer) e uma ideia do que é natural. A natureza seria, nessa lógica (como na *Bíblia*), um universo organizado por lógica e intervenção divina” (Karnal & Fernandes, 2023, p. 45). O imaginário que se cria acaba por definir a organização social, a literatura problematiza ou reforça este modo de pensar o feminino.

Escritoras têm desafiado os estereótipos de gênero e reivindicado sua voz, criando personagens femininas complexas, multifacetadas e fortes que refletem uma gama mais ampla de experiências. Essas autoras têm oferecido perspectivas únicas sobre o mundo e têm contribuído significativamente para a diversidade e a riqueza da literatura contemporânea. A construção de uma identidade feminina na literatura, parte da necessidade de romper com o silenciamento enfrentado pela mulher e trazer a sua voz para descrever a realidade da mulher. Para Cíntia Schwantes (2006, p. 2-3), conseguimos ver com mais clareza mudanças positivas na representação do feminino na literatura quando observamos a mulher narrando, quando uma escritora assume o papel de narradora já está subvertendo a ordem que a esperava sendo narrada e não narrando.

Apesar dos avanços na escrita feminina, é notório que as mulheres brancas ainda têm maior aceitação e visibilidade no espaço editorial, enquanto outras experiências femininas são sub-representadas. A representação das mulheres e homens negros na literatura está enraizada no passado escravocrata da sociedade, personagens negros não ganham características de destaque, sendo atribuídos a personagens secundários e estereotipados. Rossini (2016, p.7) salienta que a população negra, devido aos “discursos ideológicos de poder de que se encontra impregnada a sociedade (em sua maioria de caráter racista), é afastada dos espaços de poder e de produção de discursos, característica que se reflete também na literatura”. Assim, sobra a elas o lugar dos estereótipos sociais, Djamilia Ribeiro (2018, p. 17) lembra que Lélia Gonzalez nos anos 1980, já denunciava que além da sexualização do corpo feminino negro “havia outra leitura do corpo negro feminino combinada a essa: a imagem da doméstica, assentada na mucama, a escravizada que trabalha no serviço da casa”.

Deste modo, não tem como não racializar o debate sobre o feminino na literatura, uma vez que a mulher negra sofre com o sexismo, mas também com o racismo e ambos caminham juntos, de modo que o senso comum pautado em uma sociedade racista constrói uma imagem da mulher negra baseada em estereótipos raciais, como bem

pontuou Ribeiro (2018). Segundo Rossini (2016), a inclusão da mulher negra na literatura tem sido um desafio complexo e contínuo, mas é na literatura que ela encontra espaço para expressar sua voz, buscando libertar-se das amarras impostas ao seu corpo e desafiando os estigmas sociais que a cercam, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa. Na contemporaneidade, autoras negras como Conceição Evaristo e Dina Salústio apresentam um novo retrato das personagens negras, especialmente femininas, mesmo quando o foco não está sobre questões raciais. Elas ampliam a visão sobre essas mulheres, que são mães, avós e esposas, que vivem o amor, mas também enfrentam a violência simbólica e física imposta pela sociedade patriarcal e racista, um modelo social presente tanto no Brasil quanto em Cabo Verde.

Um dos conceitos fundamentais na literatura de Conceição Evaristo (2020, p. 38) e que vamos nos pautar aqui, é a *escrevivência*, termo cunhado pela autora, “que surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente da ação assume o seu fazer, o seu pensamento, não somente como um exercício isolado, mas atravessados por uma coletividade”. Sendo assim, *escrevivência* é a ideia de que escrever não é apenas uma expressão artística, mas também uma forma de narrar e recriar suas próprias vivências, suas memórias, suas dores e suas alegrias, dando voz e visibilidade às histórias e experiências das comunidades negras que muitas vezes são marginalizadas e silenciadas pela sociedade.

Entretanto, é importante destacar que a *escrevivência* é um método de ficção que se baseia nas experiências vividas pelo autor ou por sua comunidade, como referência para contar histórias. Conceição Evaristo aplica o conceito de "*escrevivência*" em suas obras ao incorporar suas experiências pessoais e coletivas como mulher negra e de origem humilde no Brasil. Embora a escrita de Dina Salústio não se enquadre no mesmo conceito que a de Conceição Evaristo, traz representações em relação a temas como identidade feminina e denuncia a vulnerabilidade das mulheres pobres caboverdianas, expressando dores coletivas de seu povo. Vejamos no próximo tópico a construção da identidade da mulher nos contos de Conceição Evaristo e Dina Salústio, analisando como essas autoras abordam e expressam a experiência da mulher em suas obras.

IDENTIDADE E GÊNERO: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DO FEMININO

Nesta seção, apresentaremos a construção do feminino nos contos das obras *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo e *Mornas Eram as Noites*, de Dina Salústio, partindo das temáticas violência, solidão e maternidade. Reconhecemos a importância de se fugir dos estereótipos atribuídos à mulher na literatura, e da percepção de que ao se criar personagens femininas capazes de contar suas próprias histórias, é possível combater o machismo e a misoginia.

Conceição Evaristo se pauta na construção da mulher negra enquanto identidade construída na relação gênero e raça, questões que, para ela são indissociáveis. A questão da negritude em Dina Salústio, no entanto, exigiria uma outra pesquisa considerando o contexto sociohistórico de Cabo Verde que, tampouco coincide com o brasileiro. Os contos de Dina Salústio, por sua vez, estão pautados nas problemáticas do gênero feminino, de forma a denunciar a violência sofrida pelas mulheres cabo-verdianas.

Deste modo, a aproximação das duas autoras enquanto possibilidade negro-literária é inviável, visto que a percepção de Negritude para escritoras cabo-verdianas, enquanto tema, está longe da nossa interpretação brasileira. Assim que optamos por analisar separadamente as obras de cada uma das escritoras, de modo a melhor observar a construção do feminino nos contos selecionados, bem estabelecer um diálogo entre as narrativas na medida que apontem questões identitárias de gênero convergentes.

Conceição Evaristo

A obra de Conceição Evaristo reflete as complexidades da experiência afro-brasileira, abordando temas como racismo, discriminação, identidade e resistência. Entre suas principais obras, destacam-se *Ponciá Vicêncio*, um romance que relata a jornada de uma mulher negra em busca de sua própria voz e lugar no mundo; *Becos da Memória*, uma coletânea de contos que exploram as nuances da vida urbana e das relações familiares sob a perspectiva da população negra brasileira; e *Olhos d'água*, obra que revela as lutas, dores e triunfos das mulheres negras em meio a um contexto de opressão e desigualdade. Conceição Evaristo (2017) defende que seu texto “é um lugar onde as mulheres se sentem em casa”. Focaremos nos contos que trazem a maternidade, a violência e a solidão como

foco: “Maria”, “Quantos filhos Natalina teve?”, “Duzu-querença” e “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”.

A temática de maternidade emerge como um dos eixos centrais de *Olhos d'água*. Em “Maria”, a protagonista é uma empregada doméstica que, ao voltar de ônibus para casa, se depara com uma presença inesperada: o pai de um de seus filhos. Durante um tempo, o homem senta ao seu lado e lhe confia que sente saudades dela e do filho, e faz um pedido para que Maria diga que ele mandou um abraço para o menino. A breve conversa é interrompida quando o ex-parceiro anuncia um assalto. Maria, a única a não perder seus pertences, é acusada de cumplicidade e paga com a própria vida, “tudo foi tão rápido, tão breve, Maria tinha saudades de seu ex-homem. Porque estavam fazendo isso com ela? O homem havia segurado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida” (Evaristo, 2016, p. 26). Neste conto, a temática da maternidade se mescla à solidão e à violência. Maria é mãe solo, e acaba enfrentando sozinha a responsabilidade de criar os filhos, além disso, sua condição de trabalho reforça os medos e esperanças em relação ao futuro da família. Entretanto, os pensamentos de Maria são logo silenciados por meio da violência em que ela é exposta, apesar de dizer que não teve nada a ver com o assalto que ocorreu, ainda sim, é agredida por diversas pessoas até a morte.

Em “Quantos filhos Natalina teve?”, a personagem central é Natalina que faz parte de uma família pobre, mas estruturada tradicionalmente, formada pela mãe, pai e 7 irmãos. A protagonista, perto de completar seus 14 anos, se vê diante de uma gravidez indesejada: “uma coisa estava lá dentro da barriga dela e ia crescer, crescer até um dia arrebentar no mundo. Não, ela não queria, precisava se ver livre daquilo” (Evaristo, 2016, p. 44) e após várias tentativas falhas de aborto, a mãe de Natalina decide leva-a a parteira local, Sá Praxedes, a qual dizem “comer crianças” e em uma decisão baseada em medo e vergonha, resolve fugir de casa. Embora a personagem não deseje a criança, ela também não gostaria de entregá-lo à parteira, “ela conseguiu fugir de Sá Praxedes. Não queria o menino, mas também não queria que ele fosse comido pela velha. Uma enfermeira quis o menino. A menina-mãe saiu leve e vazia do hospital” (Evaristo, 2016, p. 45).

A segunda gravidez de Natalina é fruto de um relacionamento com Tonho, essa gestação representa para a protagonista a pressão social para a construção de uma família tradicional, um desejo que não a preenche: “Tonho, o moço chorava e ria. Abraçou Natalina e repetia feliz que ia ter um filho. Que formariam uma família. Natalina ganhou

uma nova preocupação. Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família alguma. Não queria filho” (Evaristo, 2016, p. 46). A personagem então rejeita a proposta de casamento e Tonho acaba levando a criança para ser criada por ele em sua terra natal. Evaristo aqui, revela a possibilidade de escolha em ser ou não mãe, enfrentando as expectativas da sociedade.

Para Campello (2016, p. 2), “Conceição transforma o corpo e a sexualidade da protagonista no *locus* discursivo, na medida em que explora a sua relação com a maternidade, associando-a, por um lado, à violência psicológica e física e, por outro, à idealização do materno”. O corpo de Natalina é marcado pela violência, tanto física quanto psicológica. A gravidez indesejada se torna um símbolo dessa violência, que invade seu corpo e sua autonomia, a personagem também desafia essa visão romantizada, mostrando que a maternidade pode ser um fardo, uma responsabilidade indesejada e uma fonte de sofrimento.

A terceira gravidez de Natalina surge de um pedido desesperado de sua patroa. A mulher deseja a maternidade, entretanto possui dificuldades para gerar uma criança, diante desse impasse propõe a Natalina que esta tenha relações com seu marido, o chefe da protagonista, e que a empregada tivesse o filho do casal. “Era só a empregada fazer um filho para o patrão. Elas se pareciam um pouco. Natalina só tinha um tom de pele mais negro. Um filho do marido com Natalina poderia passar como sendo seu” (Evaristo, 2016, p. 47). Essa gravidez é vista por Natalina como sendo a pior de todas e é fundamental para compreender a complexidade da violência doméstica, física e psicológica e suas consequências para as mulheres negras.

A quarta gestação de Natalina, fruto de um sequestro e um estupro, carrega consigo a marca da dor. Após a violência sofrida, a protagonista mata seu abusador. No entanto, ao mesmo tempo, é a única gravidez que desperta em Natalina um inesperado desejo de maternidade:

A quarta gravidez de Natalina não lhe deixava em dívida com pessoa alguma. Não devia o prazer da descoberta ao iniciar-se mulher [...]. Não devia nada, como na segunda barriga, quando ficou devedora diante da inteireza de Tonho[...]. Não era devedora de nada, como na terceira, ao se condoer de uma mulher que almejava sentir o útero se abrir em movimento de flor-criança [...] Não, dessa vez ela não devia nada a ninguém. Se aquela barriga tinha um preço, ela também tinha tido o seu, e tudo tinha sido feito com uma moeda bem valiosa. Agora teria um filho que seria só seu, sem ameaça de pai, de mãe, de Sá Praxedes, de companheiro algum ou de patrões. (Evaristo, 2016, p. 48)

Natalina surge como uma figura emblemática, cuja trajetória ilustra as complexidades e injustiças enfrentadas por muitas mulheres negras no Brasil contemporâneo. Ela enfrenta a pobreza, a sexualização de seu corpo quase infantil, a violência doméstica e a solidão, temas que ressoam de forma similar no conto "Maria", onde a violência e a solidão são pontos centrais do enredo. Ambas as protagonistas são mães solo (uma mais jovem, outra mais madura), o que ressalta ainda mais as adversidades que enfrentam em sua jornada.

Em "Duzu-querença" e "Zaita esqueceu de guardar os brinquedos", a realidade da violência da favela é um dos principais temas abordados. Em "Duzu Querença", a autora aborda novamente a solidão e a violência das favelas, Duzu, ainda menina, é deixada pelos pais sob os cuidados de D. Esmeraldina, dona de um bordel, sobre a promessa de que a criança teria estudos e uma vida melhor, o que não acontece. Duzu começa a trabalhar no local, entretanto, é nesse ambiente que tem contato com o sexo,

Duzu ficou na casa da tal senhora durante muitos anos. Era uma casa grande de muitos quartos [...] Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos. A senhora tinha explicado a Duzu que batesse nas portas sempre. Batesse forte e esperasse o pode entrar. Um dia Duzu esqueceu e foi entrando. A moça do quarto estava dormindo. Em cima dela dormia um homem. (Evaristo, 2016, p. 32-33)

Duzu, após presenciar essa cena, decide não bater mais nas portas, e ir apenas entrando. A personagem não sabe bem o que é tudo aquilo, mas acaba tendo um fascínio pela situação: "teve um momento em que o homem chamou por ela. [...] Ele, em cima da mulher, com uma das mãos fazia carinho no rosto e nos seios da menina. Duzu tinha gosto e medo. Era estranho, mas era bom. Ganhou muito dinheiro depois." (Evaristo, 2016, p. 33). A partir desse momento, D. Esmeraldina arruma um quarto para Duzu que passa então a receber homens. Duzu tem sua infância roubada e passa a presenciar vários momentos de violência: "acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas" (Evaristo, 2016, p. 34). Duzu é sujeita a diversas formas de violência física, psicológica e social, que a levam a uma existência marcada pela dor e pelo sofrimento. Duzu se torna prostituta, envelhece e tem 9 filhos, passando a morar nas ruas.

Apesar do sofrimento e das agressões a que é submetida, Duzu encontra esperança em seus netos, no conto três deles tem maior estima da personagem: "Angélico, que

chorava porque não gostava de ser homem. [...] Tático, que não queria ser nada. E a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido” (Evaristo, 2016, p. 34). Mesmo com todas as adversidades que enfrentou, Duzu tem um sonho: usar uma fantasia de carnaval e sair na ala das baianas, entretanto, a narrativa caminha para descrever a morte de Duzu, que mesmo conseguindo fazer a fantasia, não consegue realizar seu sonho. Esse conto reforça a situação de invisibilidade, violência e abandono a qual mulheres negras são expostas, sobretudo àquelas em situação de rua.

Já em “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”, a história parte de um conflito simples do cotidiano entre crianças e mães: guardar os brinquedos, e é através desse enredo que Evaristo apresenta uma violência maior que a população negra enfrenta todos os dias. As gêmeas Zaita e Naita vivem na favela com a mãe e os irmãos. As irmãs dividiam os brinquedos e a mãe das meninas brigava quando elas os deixavam espalhados pela casa, “Zaita olhou os brinquedos largados no chão e se lembrou da recomendação da mãe. Ela ficava brava quando isto acontecia. Batia nas meninas, reclamava do barraco pequeno, da vida pobre, dos filhos, principalmente do segundo” (Evaristo, 2016, p. 72). Um desses brinquedos é objeto de briga entre as duas irmãs, uma “figurinha-flor”, um dia Naita pega o brinquedo sem que Zaita saiba, e ao sair em busca da irmã, Zaita acaba no meio de um tiroteio e é baleada, morrendo no local: “Daí um minuto tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaita, jaziam no chão” (Evaristo, 2016, p.76). A menina acaba se tornando mais uma vítima de bala perdida nas favelas. Ambas as narrativas abordam a violência presente nas favelas, bem como a vulnerabilidade dos sujeitos nesta situação, sobretudo mulheres e crianças.

As obras de Conceição Evaristo revelam a complexidade da violência contra a mulher, que se manifesta em diversas formas: física, psicológica, sexual e social. A autora demonstra como essa violência está intrinsecamente ligada a questões de raça, classe e gênero.

Dina Salústio

Nascida em Santo Antão, Cabo Verde, em 1941, Dina Salústio, pseudônimo de Bernardina Oliveira, mulher negra e africana, é uma figura marcante da literatura cabo-verdiana. Além de sua trajetória como professora e jornalista, destacou-se como poeta e prosadora, deixando um legado importante para a cultura do país. Salústio também atua

como assistente social, trabalhando com violência contra a mulher, atuação esta que impacta diretamente na sua maneira de escrever. Dentre suas principais obras, destacam-se os romances *A louca de Serrano* (1998) e *Veromar* (2019) e contos presentes em *Mornas eram as noites*, bem como livros infantis como *A estrelinha tlim tlim*. A obra de Salústio demonstra uma trajetória literária rica e diversificada, retratando a complexidade da experiência humana e da sociedade cabo-verdiana. Para Simone Caputo Gomes (2008), uma das principais estudiosas da literatura de Cabo Verde:

Junto com Orlanda Amarilis, Vera Duarte, Sara Almeida e Fátima Bettencourt, Dina vai delineando, em solo crioulo, uma escritura feminina, pintando e tecendo, através da experiência e do caminho de auto-conhecimento, quadros vivos do seu povo e do seu país que nos permitem reconhecer um pouco mais do *modus vivendi* no arquipélago. E vai além, na assunção de uma consciência da condição mulher e na reavaliação da condição humana (Gomes, 2008, p. 237).

Através de suas narrativas, a autora nos convida a refletir sobre questões como identidade, gênero e violência contra a mulher:

[...] a escrita para ela é uma necessidade premente de estabelecer uma ponte entre o interior das personagens que cria e a realidade do leitor, muitas vezes ultrapassando pelos pormenores aparentemente insignificantes e desconexos que o rodeia. É uma necessidade humana de utilizar a linguagem como veículo de comunicação e de revelar a energia da atividade, da existência, e também como uma forma de preencher o vazio, ou um meio de compensação. Ela é, pois, participante, cúmplice e denunciadora da sociedade em que vive, dos seus agravos e realidade, na medida em que nunca se aliena do real gritante, malgrado as transfigurações que às vezes experimenta (Spínola, 1998, p. 206).

A escritora conta histórias de mulheres desvelando sua identidade plural. Ela assume a função de “porta retrato das minorias silenciadas”, conforme Geni Mendes Brito e Tânia Maria de Araújo Lima (2021, p. 2), pois narra o cotidiano destas “mulheres sem nome, sem rosto, sem voz, [que] trazem ao palco os problemas que tocam as mulheres em diferentes contextos sociais e culturais do mundo ao redor”. Salústio afirma em entrevista à Simone Caputo (2008, p. 218), o livro foi escrito pela “necessidade de publicar as inúmeras histórias de mulheres, histórias de vida que passam por mim” e acrescenta: “não são ficção, é cá um encontro que é verdade, um momento só”. O livro é senão uma tentativa de mostrar o reconhecimento da escritora a “estas mulheres cabo-verdianas que trabalham duro, que fazem o trabalho da pedra, que carregam água, que trabalham a terra, que têm a obrigação de cuidar dos filhos, de acender o lume. Quis prestar uma homenagem a esta mulher.”

Em *Mornas eram as noites* se destaca a forma como a autora constrói o feminino em cada um dos contos, não se limitando a apresentar personagens femininas estereotipadas, mas mulheres reais, com suas complexidades e contradições. A obra é dividida em 35 contos curtos que se assemelham a crônicas vividas ou imaginadas, escritos em linguagem simples e direta, em estilo único.

Para Daniel Spínola (1998, p. 205), trata-se de uma das poucas obras que “marcam uma ruptura e uma viragem significativa no universo da mundividência literária caboverdiana”. Para ele, Salústio inaugura nestes contos uma nova forma de comunicar e de perceber o mundo, os quais se assentam sobre uma técnica de condensar toda a trama em curta-metragem, de umas poucas linhas, e uma forma diferente de narrativa em que tudo acontece em reflexão, isto é, em que a ação é o reflexo da abstração das personagens. Estes contos que nos remetem ora à crônica, ora à um ensaio refletem, em sua maioria, o cotidiano feminino a partir de abstrações e sentimentos das mulheres. Para este estudo, selecionamos os contos “Liberdade Adiada”, “Forçadamente mulher, Forçosamente mãe”, “Foram as dores que o mataram” e “Ilegítimo desejo” para pensar como a escritora caboverdiana constrói suas personagens femininas em *Mornas eram as noites*.

Contudo, antes de pensar nos contos, não podemos deixar os sentidos do título passar despercebido, visto que ele nos guia para um elemento importante da identidade caboverdiana:

O conceito de morna está associado a diferentes significados. Morna é modalidade musical típica de Cabo Verde, mas é também uma modalidade poética em que os povos insulares expressam a alegria, a dor, a nostalgia, o amor. Morna traduz todo o sentimento nacionalista que identifica o caboverdiano. [...] Na arte de contar as mornas, Dina Salústio reinventa o cotidiano de mulheres que estão inseridas no mundo doméstico feminino (Brito e Lima, 2017, p. 2)

As conquistas, as violências, os sentimentos e as demandas impostas pelo patriarcado ao mundo doméstico são reinventadas em suas mornas. No primeiro conto da coletânea, “Liberdade Adiada”, a personagem reflete sobre maternidade e morte enquanto observa um barranco. Para ela, o sentimento em relação a maternidade era complexo e ambíguo, fugindo do que a sociedade espera em relação às mães, a personagem questiona o cansaço, a solidão, a falta de liberdade e as dores que este papel acarreta:

Imaginou os filhos que aguardavam e que já deviam estar acordados. Os filhos que ela odiava! [...] Estava farta daquele bocado de si que ano após ano, enchia, inchava, desenchia e lhe atirava para os braços e para os cuidados mais um pedacinho de gente.

Não. Não voltaria para casa. O barranco olhava-a, boca aberta, num sorriso irresistível, convidando-a para o encontro final (Salústio, 2002, p. 5).

Nesta perspectiva, a maternidade se apresenta como um obstáculo à realização pessoal e à felicidade da protagonista. A mulher, ao ter filhos, renuncia a seus próprios sonhos e desejos, submetendo-se a uma vida de sacrifícios e renúncias. A maternidade, neste caso, é vista como um impedimento à sua liberdade. Entretanto, ao lembrar-se dos filhos que a esperavam em casa, a personagem percebe que apesar do seu sofrimento, as crianças não têm culpa, reforçando também essa ideia de que ao se tornar mãe, ela não tenha mais direito de escolha ou de querer algo para si “à borda do barranco, com a lata de água à cabeça e a saia batida pelo vento, pensou nos filhos e levou as mãos ao peito. O que tinha a ver os filhos com o coração? Os filhos... Como ela os amava, Nossenhor! Apressou-se a ir ao encontro deles” (Salústio, 2002, p. 6). Esse conflito entre o desejo de liberdade e o dever e amor maternos cria uma tensão constante na narrativa. A protagonista não é nomeada na história, essa ausência de nome é uma forma de destacar a condição de invisibilidade materna, poderia ser qualquer mãe nesta situação, reforçando a complexidade que envolve os sentimentos da mulher-mãe.

Em "Forçadamente mulher, forçosamente mãe", Salústio retrata uma adolescente de 16 anos, que está grávida. Uma gravidez que se apresenta de forma abrupta e inesperada, interrompendo bruscamente a sua adolescência: “aos dezesseis anos não se devia ter filhos. A natureza não soube fazer contas. Aos dezesseis anos não se devia carregar culpas. Nem vergonhas” (Salústio, 2002, p. 35). Em entrevista à Simone Caputo (2008, p. 218), Salústio afirma “em Cabo Verde, quando nasce uma menina, ela já é uma mulher”. A personagem Paula é um retrato da subalternidade feminina em sociedades patriarcais e desiguais. Sua voz é silenciada, suas escolhas são limitadas e suas perspectivas de futuro são drasticamente reduzidas. A gravidez precoce, muitas vezes resultado de relações de poder desiguais e de violência sexual, é um símbolo dessa subalternidade. A narrativa não explicita as circunstâncias da gravidez de Paula, mas a ausência de informações e a própria linguagem utilizada sugerem um abuso:

Paula perdeu o olhar meigo e livre de adolescente. Agora apenas um rostinho triste e resignado que de longe em longe se abre, quando gargalhadas de meninas como ela despertam o rosto de menina que ainda existe. [...] Queria que ela e todas elas se juntassem e calassem para sempre os latidos daqueles que perseguem manhosamente as nossas meninas na quietude das noites. Com o seu ódio. E que desfizessem com as suas mãos de mães abandonadas. E os afogassem impiedosamente nas lágrimas de todas as crianças traídas. E esfomeadas (Salústio, 2002, p. 35).

A maternidade aqui é apresentada numa perspectiva realista, sendo retratada como uma fonte de angústia e sofrimento, cuja esperança que ainda resta “secará com o primeiro leite do primeiro filho” (Salústio, 2002, p. 35), reforçando ainda mais essa perda de sonhos da protagonista. Além disso, outro fator significativo do conto, é sua estrutura cíclica, começa e termina com o mesmo período, aparentemente retórico, apenas anunciando que em setembro fará calor, mas a repetição sublinha a perversidade de um ciclo de violência que se perpetua, evidenciando a impunidade de agressores que continuam a assediar, estuprar e engravidar crianças e adolescentes sem que haja qualquer punição. Essa repetição constante, longe de ser mera estética, funciona como uma denúncia da inércia social diante da violência sexual, revelando a necessidade urgente de mudanças estruturais para romper esse ciclo vicioso.

“Foram as dores que o mataram” apresenta uma protagonista cansada de sofrer diversas agressões por parte do marido, acaba o matando. A narrativa, logo no início, nos situa que antes da violência física, existia amor na relação do casal “nem importa o ano em que se conheceram. Aconteceu. E houve um momento em que se amaram. Talvez tenha havido muitos momentos em que se amaram” (Salústio, 2002, p. 17). Entretanto, com o avanço do relacionamento, a mulher passa a ser agredida pelo companheiro, e em dado momento, cansada da situação que se encontra, o mata. Salústio, no entanto, apresenta a perspectiva da vítima para tal ato, reforçando que o fato de ter matado o marido se deu por culpa dele e não dela:

Eu o amava. Porque matá-lo? Foram as dores do meu corpo que o condenaram. Foram o sangue pisado, o ventre moído, as feridas em pus. Foram as pancadas de ontem, as de hoje e, sobretudo, as pancadas de amanhã que o mataram. Eu o amava. Porque o matá-lo? Foi meu corpo recusado e dorido após usos e abusos. Foram a tristeza, o desespero e a dor do amor que não tinha troco. Eu o amava. Porque o matá-lo? (Salústio, 2002, p. 17)

A repetição da frase “eu o amava. Por que matá-lo?” ao longo do conto é um recurso estilístico que intensifica a tensão narrativa, pois a cada repetição, a frase aparece ressignificada. Inicialmente, expressa a inocência da mulher que vai se configurando em culpa, ressaltando o conflito interno da personagem para justificar seus atos. À medida que a narrativa avança, o leitor é colocado diante da complexidade de uma assassina que é mais vítima que algoz: “Eu amava-o. Porquê matá-lo? Ele matou-se. Criou um espaço onde coabitavam a violência, a destruição, a miséria, o animalesco. E nós. Deu-me as armas e fez-me assassina.” (Salústio, 2002, p. 18). Ao trazer a voz da personagem em

primeira pessoa, a narrativa nos faz refletir sobre as violências silenciosas as quais mulheres estão expostas diariamente, em uma sociedade que culpabiliza as mulheres pelas agressões sofridas. A morte do marido é vista aqui como uma consequência inevitável de um sistema que a oprime e a desumaniza.

Em um “Ilegítimo desejo”, a vida de Nha Djina, é marcada pela solidão e luta pela sobrevivência, a personagem é uma moradora de rua, que em sua velhice deseja apenas que ao morrer, tenha música em seu velório. A personagem utiliza da sexualidade como meio de sobrevivência: “mais tarde ali contrabandeara o seu corpo [...] E porque contrabandear e não simplesmente vender? O corpo era dela. Porque contrabandear? Vendia-se. E o alvará de legitimidade deram-lho as suas necessidades” (Salústio, 2002, p. 31). A sexualidade, para muitas mulheres como Djina, é transformada em uma mercadoria, utilizada para garantir a sobrevivência em um mundo desigual. Em seus últimos momentos de vida, Nha Djina demonstra ter apenas um desejo, o qual se considera não merecedora, uma vez que não sente que seu modo de vida a legitima socialmente, queria que tivesse música em seu funeral. Simbolicamente, é muito violento que ela não se sinta tão humana como qualquer outro a ponto de ter o direito a uma homenagem em sua morte.

Em suas narrativas, Dina Salústio apresenta uma diversidade de personagens femininas, cada qual com suas particularidades. Ao retratar as violências sofridas por essas mulheres no contexto cabo-verdiano, a autora assume um papel fundamental na denúncia das injustiças sociais e de gênero.

VOZES-MULHERES: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura permite que as vozes de grupos marginalizados, como mulheres, em especial, mulheres negras, sejam ouvidas e compreendidas. Conceição Evaristo e Dina Salústio, ao narrarem as experiências de suas personagens, contribuem para a visibilização das desigualdades e das opressões sofridas por este grupo. Em *Olhos d'Água* e *Mornas Eram as Noites*, as autoras tecem narrativas que exploram a construção da identidade feminina de forma que a violência, a solidão e a maternidade, se tornam temas cruciais para a compreensão da condição feminina em contextos sociais marcados pela desigualdade.

Apesar de contextos distintos, ser africana e brasileira, por vezes, possibilitam experiências convergentes, visto que tratam de países igualmente regidos pelo patriarcado e pelo cristianismo, com estruturas misóginas. Sendo assim, ao centrarem suas narrativas na experiência feminina, contribuem significativamente para a compreensão da construção do feminino na literatura. As obras das autoras denunciam as diversas formas de opressão que as mulheres sofrem, seja por questões de gênero, raça ou classe social. Através de suas narrativas, elas dão visibilidade às injustiças e desigualdades que permeiam a sociedade.

Em contos como “Liberdade Adiada” e “Quantos filhos Natalina teve?”, a temática da maternidade é central na narrativa, as protagonistas demonstram em suas vivências uma visão de maternidade violenta e real, ambas pensam em abandonar os filhos, Natalina, entretanto, faz essa escolha e segue adiante, enquanto a outra opta por retornar aos filhos. Enquanto a narrativa de Natalina escancara uma violência física e psicológica, no conto “Liberdade Adiada”, a violência é social. A protagonista sofre uma violência cotidiana, expressa na rotina opressiva, na falta de reconhecimento e na impossibilidade de escapar de sua condição, neste caso, para ela ir ou ficar é igualmente violento. Essa relação de impossibilidade de escapar de sua condição, também pode ser notada no conto “Forçadamente mulher. Forçosamente mãe”, onde a protagonista Paula, se vê em uma situação sem saída, ao se descobrir grávida com apenas 16 anos. Essa pressão social em relação à maternidade é algo que Evaristo e Salústio, questionam em suas narrativas.

O conto “Maria”, demonstra essa subalternização e invisibilidade feminina, a personagem, diferente das outras, tem uma relação diferente com a maternidade. Entretanto, também fica evidente as marcas de violência que ser uma mulher negra e mãe em um país racista e patriarcal acarreta. Maria queria apenas chegar em casa e ver seus filhos, mas um ato de agressão impede que esse desejo seja realizado. Sendo assim, a relação entre a maternidade e a violência é complexa. A maternidade, ao mesmo tempo em que pode ser uma fonte de alegria e realização, também pode ser um fator de vulnerabilidade e opressão.

A violência, marginalização, invisibilidade e silenciamento da mulher negra pobre é reforçado por ambas as autoras nos contos, “Duzu -Querença” e “Ilegítimo Desejo”, onde temos duas protagonistas que se assemelham, pois são moradoras de rua e que na sua luta por sobrevivência, acabam presenciando diversas violências. Tanto Duzu como

Nha Djina, no fim das suas vidas tem apenas um desejo simples, no caso de Duzu, sua roupa de carnaval e Nha Djina, a música durante seu enterro.

Ao retratar a realidade feminina de seus países, as autoras utilizam a literatura como instrumento de denúncia e empoderamento. Evaristo (2012, p. 54) afirma que “uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do outro como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria” assim, a literatura estaria além de escrita por si só, tornando-se uma ferramenta fundamental para a luta contra as opressões de gênero, raça e classe.

Essa representação feminina, feita por escritoras é crucial para ir além de “um corpo que não é apenas descrito, mas vivido” (Evaristo, 2005, p. 6) ou seja, romper com a ideia da mulher que é inferiorizada, sexualizada e submissa. É a partir de escritas como a de Dina Salústio e Conceição Evaristo, que somos apresentados às múltiplas identidades femininas, ambas autoras apresentam a mulher no centro de suas narrativas, deslocando-a da posição de objeto para sujeito de sua própria história.

REFERÊNCIAS

BRITO, Geni. Mendes. de; LIMA, Tânia. Maria de Araújo. Dina Salústio e a violência de gênero na literatura cabo-verdiana. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, [S. l.], n. 24, p. 55–69, 2017. In. <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/354> Acesso em jun/2023.

CAMPELLO, Eliane. *Maternidade e violência em “Quantos filhos Natalina teve?”*, de Conceição Evaristo In: XV Abralic: experiências literárias textualidades. 2016. In. https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491524767.pdf Acesso em jun/2023.

CHIZIANE, Paulina. *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013.

COLLING, Ana. A Construção Histórica do Feminino e do Masculino. In: STREY, Marlene N. et all (orgs). *Gênero e Cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In. MOREIRA, M. N. de B. Scheneider (org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005a.

EVARISTO, Conceição. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e arte, p.26-46, 2020.

GOMES, Simone Caputo. *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

KARNAL, Leandro; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Preconceito: uma história*. São Paulo, Companhia das Letras, 2023.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROSSINI, Tayza Nogueira. A construção do Feminino na Literatura: representando a diferença. *Trem de Letras*, v. 3, n. 1, p. 97-111, 11 jul. 2016.

SALÚSTIO, Dina. *Mornas eram as noites*. Praia: INL, 2002.

SCHWANTES, Cíntia. *Dilemas da representação feminina*. OPSIS (UFG), Catalão. v. 6, p. 07-19, 2006. Disponível em: http://www.catalao.ufg.br/historia/revistaopsis/sumarios/OPSIS2006/OPSIS2006_01_0.PDF. Acesso em: 13 jun 2023.

SPÍNOLA, Daniel. *Mornas eram as noites*. In: VEIGA, Manuel (Org.). *Cabo Verde: Insularidade e Literatura*. Paris: Karthala, 1998.

Recebido em: 27/12/2024

Aceito em: 30/04/2025

Iza Paula Gomes Fernandes: possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás (2020). Atualmente é graduanda em Letras - Língua Portuguesa pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. É pesquisadora no Núcleo de Estudos Literários (NEL) e bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência no Subprojeto de Língua Portuguesa do IFG. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Processos de Disseminação da Informação. Atualmente pesquisa o feminino na literatura brasileira e africana.

Poliane Vieira Nogueira: é professora efetiva do Instituto Federal de Goiás, câmpus Goiânia, ministrando aulas no curso de Licenciatura em Letras, demais cursos superiores da instituição e cursos técnico e tecnológico na modalidade de Ensino Médio Regular e Educação de Jovens e Adultos. Possui Doutorado em Letras e Linguística (2017) e Mestrado em Letras e Linguística (2012), ambos pela Universidade Federal de Goiás.

Possui Licenciatura em Letras-Português (2009), Licenciatura em Letras-Espanhol (2010) e Bacharelado em Letras (2010) com habilitação em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás. Coordenou os Cursos Técnicos Integrados de Secretaria Escolar e Transporte de Cargas, na modalidade EJA no Instituto Federal de Goiás, câmpus Anápolis. É líder do Núcleo de Estudos Literários (NEL) e membro do Máskara - Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa em Teatro, Dança e Performance. É coordenadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBID). Investiga o feminino na Literatura Contemporânea, Literatura Brasileira e Africana (poesia e prosa), Literatura Comparada, Leitura Literária, Mediação do texto literário, Formação de Leitor, Leitura e Criação de Poesia na Escola.